



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JULIANE DA SILVA BRAGA

O SUICÍDIO SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA

ARIQUEMES - RO

2020

JULIANE DA SILVA BRAGA

O SUICÍDIO SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Esp. Katiuscia Carvalho de Santana

ARIQUEMES - RO

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

B813s BRAGA, Juliane da Silva.

O suicídio sob o olhar da Psicologia Existencial-Humanista. / por Juliane da Silva Braga. Ariquemes: FAEMA, 2020.

43 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Esp. Kátiuscia Carvalho de Santana.

1. Suicídio. 2. Abordagem Centrada na Pessoa. 3. Existencialismo. 4. Psicoterapia Humanista. 5. Psicologia Existencial. I Santana, Kátiuscia Carvalho de. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

JULIANE DA SILVA BRAGA

O SUICÍDIO SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do Grau em Psicologia apresentado à Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Banca Examinadora

Prof. Esp. Katiúscia Carvalho de Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Esp. Sara Ferreira Silva
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof. Me. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

ARIQUEMES - RO

2020

A minha mãe, Maria José. Meu anjo,
meu eterno amor e minha maior
inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que guiou cada um dos meus passos e nunca me deixou só durante essa caminhada. A ele toda honra e toda glória.

A minha família que é a base sólida que me sustenta, especialmente a minha irmã Tainara que dedica a mim o seu cuidado, sua preocupação e o seu amor, e as minhas sobrinhas, Isabella e Alice, que são a luz da minha vida.

Ao meu pai, Manoel Messias, que sempre me incentivou a batalhar para conquistar os meus sonhos, e que os sonha junto comigo.

Aos meus tios Devanil, Sileide e Sueli e a minha avó Luzia, que me mostram que o amor e o cuidado da família não se vão com as perdas que enfrentamos, pelo contrário, se fortalecem.

Aos meus amigos que enfrentaram comigo as dores e as alegrias da graduação e fizeram desse processo um valioso tesouro em que posso guardar os mais preciosos bens.

Aos mestres que me inspiraram e me mostraram que a Psicologia é, acima de tudo, um encontro de almas.

A uma das minhas maiores inspirações na Psicologia, quem me apresentou a Abordagem Centrada na Pessoa e é um reflexo de tudo o que ensina, Mestre Carla Patrícia Rambo Matheus. O seu olhar empático e acolhedor dirigido a mim a cada supervisão e orientação me fez acreditar em mim tanto quanto ela sempre acreditou.

E finalmente, com todo o meu amor, a minha mãe, que não partiu antes de me ver iniciando esse sonho, e que do céu está vendo-o se concluir. Obrigada pela vida, pelo seu amor e por nunca desistir de mim.

“O seu cadáver é o seu último acorde, término de uma melodia que vinha sendo preparada no silêncio do seu ser. Mas no corpo do suicida encontra-se uma melodia para ser ouvida. Ele deseja ser ouvido. O seu silêncio é um pedido para que ouçamos uma história cujo acorde necessário e final é aquele mesmo, um corpo sem vida.”

Rubem Alves

RESUMO

Este estudo propõe uma análise da temática do suicídio sob o prisma da Abordagem Centrada na Pessoa, fundada por Carl Rogers, que tem como uma de suas bases filosóficas o Existencialismo. Através dos conceitos apresentados busca compreender o suicídio e suas ramificações, diferenciando ideação suicida, tentativa de suicídio e o suicídio efetivado. Através da Psicologia Humanista o suicídio e as suas fragmentações podem ser explorados e analisados a partir da perspectiva existencial que fundamenta essa abordagem psicológica, que tem como centro a pessoa e a sua busca pelo sentido de vida, visando o alcance de uma vida plena, sendo esta a base do processo de ajuda ao indivíduo que se encontra em ideação e/ou comportamentos suicidas. Através de uma revisão de literatura do tipo narrativa, o estudo discorre sobre a contribuição dessa vertente da ciência psicológica no tratamento de pessoas que passam ou já passaram pela experiência do suicídio, partindo da compreensão do suicídio como uma experiência inautêntica da existência, corroborando para a falta de sentido de vida, que pode motivar a morte voluntária.

Palavras-chave: Suicídio. Abordagem Centrada na Pessoa. Existencialismo. Psicoterapia Humanista. Psicologia Existencial.

ABSTRACT

This study proposes an analysis the theme suicide from the perspective of the Person Centered Therapy, founded by Carl Rogers, which has Existentialism as one of its philosophical bases. Through the concepts presented, it seeks to understand suicide and its ramifications, differentiating suicidal ideation, attempted suicide and actual suicide. Through Humanist Psychology, suicide and its fragmentations can be explored and analyzed by the existential perspective that underlies this psychological approach, which has a center the person and their search for the meaning life, aiming at achieving a full life, being this the basis of the process helping the individual who is experiencing suicidal ideation and/or behavior. Through a review of literature of the narrative type, the study discusses the contribution of this aspect of psychological science in the treatment of people who pass or have gone through the experience of suicide, starting from the understanding of suicide as an inauthentic experience of existence, corroborating for the lack of meaning in life, which can motivate voluntary death.

Keywords: Suicide. Person-Centered Therapy. Existentialism. Humanist Psychotherapy. Existential Psychology.

LISTA DE SIGLAS

ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OBJETIVO GERAL	14
2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. METODOLOGIA	15
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
4.1 O SUICÍDIO: DADOS, ESTIMATIVAS E CONCEITUAÇÃO.....	16
4.2 O SUICÍDIO E AS SUAS VERTENTES: IDEAÇÃO SUICIDA, COMPORTAMENTOS SUICÍDAS E TENTATIVAS DE SUICÍDIO.....	21
4.3 A PSICOLOGIA EXISTENCIAL E SUA EXPRESSÃO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	26
4.4 O OLHAR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA SOBRE O SUICÍDIO.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..	38
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade mentalmente adoecida, onde milhares de pessoas encontram no fim da própria vida, a solução para o sofrimento psíquico. Os dados e estimativas relacionados ao suicídio colocam a sociedade diante de uma reflexão sobre o quanto o adoecimento mental afeta a vida dos indivíduos, ao ponto de que o fim desta seja a alternativa mais viável. Nesses casos, viver em uma situação de extremo sofrimento se torna mais doloroso do que a ideia de morrer (GUTIERREZ, 2014).

O suicídio é um complexo fenômeno que surge em razão de um grande sofrimento psíquico, que coloca o indivíduo em uma situação onde a morte, normalmente tão temida, seja uma alternativa alentadora diante da perspectiva de permanecer em sofrimento (FUKUMITSU, 2014).

Diante da complexidade em que o suicídio se apresenta e buscando uma explicação para algo que possui diversas ramificações e significados únicos e subjetivos para quem por ele opta (SILVA; ALVES; COUTO, 2016), o suicídio e a sua compreensão são o centro desta pesquisa. Buscando compreender os fenômenos envolvidos no suicídio, a ciência psicológica é um importante recurso para auxiliar as pessoas que passam pela experiência de morte voluntária, seja com ideias suicidas ou comportamentos suicidas.

As mortes ocasionadas por suicídio têm trazido grandes inquietações acerca da saúde mental. Busca-se compreender a dimensão do sofrimento psíquico dessas pessoas, em que o único caminho viável encontrado para a resolução dos seus conflitos internos e subjetivos é o fim da própria vida (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Muitas são as teorias e as tentativas de explicação para algo tão complexo como o suicídio, que se divide em diferentes facetas, como a ideiação, os comportamentos e, por fim, o ato consolidado (FONSECA; LÔBO, 2015).

As diversas vertentes teóricas da Psicologia concebem o ser humano de diferentes maneiras, compreendem a vida e a morte a partir de diferentes óticas, que apesar de distintas, constituem uma ciência rica no entendimento do que é humano, e, por consequência, em como lidar com esse ser em constante interação com o mundo (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Dentre as diversas vertentes teóricas da Psicologia, a escolhida para fundamentar este estudo e pela qual se dará a compreensão do suicídio, foi a perspectiva Existencial-Humanista, que tem como sua principal expressão na Psicologia a Abordagem Centrada na Pessoa, fundada por Carl Rogers, que possui grandes contribuições para a psicoterapia individual e grupal, e para as mais diferentes demandas que possam surgir através da experiência humana (BEZERRA; BEZERRA, 2012).

Através da filosofia existencial e da Abordagem Centrada na Pessoa é possível uma compreensão acerca do suicídio, partindo dos subsídios teóricos obtidos através de pesquisa bibliográfica sistemática, como enfoque na aplicação das teorias presentes na pesquisa em casos de ideação e/ou comportamentos suicidas, questionando, mediante essa base teórica, como se pode compreender este fenômeno? Como a perda do sentido de vida leva ao desejo de finitude? Que contribuições a Abordagem Centrada na Pessoa pode levar para os casos de suicídio?

Essa pesquisa contribui para a difusão do conhecimento acerca da Psicologia Existencial-Humanista, bem como da Abordagem Centrada na Pessoa e da sua aplicação nas demandas relacionadas ao suicídio. O profissional psicólogo que tem a sua atuação pautada nessa abordagem teórica encontra subsídio para a sua atuação em casos de suicídio, podendo utilizar-se das informações aqui contidas para manejar a psicoterapia com foco no acolhimento do sofrimento do cliente e no seu encontro de sentido.

A partir da pesquisa realizada, se busca compreender o suicídio sob o prisma da Abordagem Centrada na Pessoa, analisando as contribuições dessa linha teórica da Psicologia na prevenção e no cuidado para com os indivíduos que se encontram em sofrimento.

O olhar da vertente Existencial-Humanista da Psicologia sobre o suicídio, explanado nesta revisão de literatura, dimensiona esse fenômeno compreendido por meio das experiências vividas e dos significados atribuídos a elas.

A pesquisa divide-se em quatro capítulos que buscam explorar o tema suicídio e a sua compreensão em âmbito geral, apresentado no primeiro capítulo a sua conceituação e os dados acerca desse fenômeno no Brasil e no mundo. O segundo capítulo apresenta a diferenciação e a correlação entre ideação suicida, comportamentos suicidas e tentativas de suicídio. O terceiro capítulo traz a

Abordagem Centrada na Pessoa, principal expressão da Psicologia Existencial-Humanista, seus postulados e contribuições para psicoterapia. O quarto e último capítulo faz a temática do suicídio sob o olhar da Psicologia Existencial-Humanista, expondo a compreensão do suicídio à luz desta corrente filosófica e terapêutica.

1. OBJETIVO GERAL

Compreender o suicídio como uma escolha existencial, concebido sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar dados e estimativas acerca do suicídio;
- Compreender o suicídio através do percurso da humanidade;
- Elucidar a diferença entre ideação suicida, comportamento suicida e tentativa de suicídio;
- Analisar as contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa em casos de suicídio.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa se deu através de uma revisão de literatura do tipo narrativa que, segundo Conforto, Amaral e Silva (2011) é um tipo de pesquisa onde se há a descrição de um tema a partir das fontes consultadas considerando um olhar científico das mesmas. As pesquisas do tipo bibliográficas permitem uma explanação aprofundada acerca do tema pesquisado, segundo Pizzani (2012) a pesquisa bibliográfica é a união das principais teorias que irão nortear o fazer científico, através das literaturas já existentes a respeito do assunto que se deseja aprofundar.

As fontes utilizadas nessa pesquisa foram livros, publicações e artigos científicos. As bases de dados consultadas foram *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC). Os artigos utilizados datam dos anos de 2010 a 2020, sendo excluídos os que não datavam desse período e os artigos que não contemplavam a temática.

Foram utilizadas publicações em língua portuguesa, inglesa e espanhola. Nas bases de dados pesquisadas foram utilizadas as seguintes palavras-chave: suicídio, existencialismo, abordagem centrada na pessoa, psicologia existencial e psicoterapia humanista.

Foram utilizadas nessa pesquisa 36 obras, dentre elas livros e artigos científicos.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. O SUICÍDIO: DADOS, ESTIMATIVAS E CONCEITUAÇÃO

Os alarmantes números relacionados ao suicídio têm trazido à tona diversas discussões sobre este fenômeno tão complexo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2014) estima-se que a cada ano cerca de oitocentas mil pessoas morrem por suicídio, este número se torna ainda mais preocupante com a hipótese da OMS de que para cada uma dessas mortes, houve cerca de vinte outras tentativas. Disposto dessas estimativas, o suicídio é considerado como um problema de saúde pública a nível mundial (OMS, 2014).

O suicídio é a segunda maior causa de morte no mundo entre pessoas de 15 a 29 anos, sendo maior a prevalência em homens do que em mulheres, de acordo com a OMS (2019) o número de mortes por suicídio é superado apenas pelas mortes ocasionadas por acidentes de trânsito em indivíduos nesta faixa etária.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2017) no Brasil, no período de 2011 a 2015, foram registradas mais de cinquenta e cinco mil mortes ocasionadas por suicídio, e seguindo o parâmetro mundial, a prevalência de óbitos foi maior em indivíduos do sexo masculino, fazendo com que o Brasil ocupe a oitava colocação em número de mortes por suicídio (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

Gonçalves, Gonçalves e Oliveira Junior (2011) apontam como possível explicação para a maior ocorrência de suicídio em indivíduos do sexo masculino o fato de menor prevalência de alcoolismo em mulheres, maior flexibilidade quanto os seus papéis sociais, uma propensão a detectar mais precocemente do que os homens sintomas relacionados à depressão e maior facilidade em buscar ajuda quando se veem nessas situações. Outra explicação é o fato de que homens são, em sua maioria, mais competitivos e impulsivos, comportamentos que predispõe a atos suicidas, além de que, por estarem inseridos em uma sociedade patriarcal, os homens se sentem mais afetados por questões como desemprego e vulnerabilidade, que podem gerar grande estresse e, por consequência, consumir-se em suicídio.

Em alguns estudos, conforme apontam Gonçalves, Gonçalves e Oliveira Junior (2011), tem-se constatado a relação presente entre o suicídio e o envelhecimento, pois, de acordo com os dados levantados, são maiores os casos de

suicídio em faixas etárias mais elevadas, onde, segundo o autor, os problemas relacionados à vida adulta, como trabalho, perda de entes queridos, relações afetivas, entre outros, passam a ser mais significativos e a afetarem mais as pessoas, resultando, assim, em maiores índices de suicídio.

Araújo, Vieira e Coutinho (2010) atentam ao fato de que as estatísticas divulgadas acerca do suicídio não são completamente confiáveis pelo fato de que muitos dos casos de morte por suicídio são registrados com diferentes causas, como, por exemplo, intoxicação, parada respiratória, hemorragia, que foram ocasionadas propositalmente com a intenção de morte, mas que nos atestados de óbito não constam como suicídio. Outro fator que pode comprometer a veracidade dos dados estatísticos são as mortes que são consideradas acidentais, como acidentes de trânsito, *overdose* de drogas, negligência no tratamento de doenças, que podem ter sido ocasionadas com intenções suicidas, mas que não são registradas como tal e, portanto, não são contabilizadas nos dados estatísticos.

Historicamente, diversas são as concepções acerca do suicídio, que em determinados períodos e culturas era visto de diferentes formas, mas quase sempre de forma negativa. Na Idade Média, por exemplo, o suicídio era condenado pelas instituições religiosas e pelo Estado, que equiparava o ato de tirar a própria vida com crimes, como o assassinato. Assim como o fenômeno do suicídio não é recente, a tentativa de explicá-lo também não é. Em 1817 Durkheim analisou o suicídio em sua obra "*Le suicide*", definindo-o como um ato praticado pela própria vítima, que resulte em morte. Para Durkheim, a tentativa de suicídio também deveria ser considerada uma variante do suicídio, com a diferença de que o ato suicida seria interrompido antes que se concluísse e resultasse na morte (GONÇALVES; GONÇALVES; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

A Organização Mundial da Saúde define o suicídio como o ato em que o indivíduo causa a si alguma lesão com o intuito de causar a própria morte. O suicídio, em sua origem etimológica vem do latim *sui*, que significa si mesmo, e *caederes*, que se refere ao ato de matar, é um ato de autolesão, que parte de dentro para fora, é, portanto, um movimento do indivíduo contra si (FONSECA; LÔBO, 2015).

O suicídio em si trata-se de algo muito subjetivo, que é consideravelmente complexo em sua compreensão, ocasionado por um sofrimento que afeta significativamente a vida de um indivíduo, levando-o a considerar o fim desta como a

alternativa mais viável, onde a morte, com tudo o que ela representa socialmente, o sofrimento que ela gera em familiares e pessoas próximas, a finitude e a incerteza se há algo após, e, apesar de todas as consequências, ser essa a opção encontrada por esse indivíduo para por fim ao seu sofrimento. Esse pensamento levanta a reflexão da importância de se olhar para esse fenômeno com um olhar mais atento, pois não é algo simples, é de extrema importância que o compreendamos para que assim possa haver mais prevenção, menos julgamento e menos sofrimento (ARAUJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010).

Diversos fatores estão envoltos no fenômeno do suicídio, como a interação entre determinantes individuais e sociais, que resultam na escolha pelo fim da própria vida. Segundo Fonseca e Lôbo (2015), é um nível de sofrimento intenso e muito complexo. Este fenômeno está relacionado a situações de grande sofrimento, que afeta não apenas a pessoa que o realiza, mas também seus familiares e a sociedade como um todo (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

O suicídio está diretamente relacionado com as relações sociais, tanto para motivá-lo quanto para evitá-lo, pois essas relações são parte importante da formação do indivíduo e da maneira como ele sente e se percebe no mundo. As relações familiares, sociais, escolares, institucionais, de trabalho, de amizade podem influenciar uma situação de suicídio, que pode ser ocasionada por conflitos em algumas dessas relações estabelecidas, visto que, como parte importante da subjetividade do indivíduo, quando essas relações são abaladas, a pessoa pode encontrar ali uma razão para por fim a própria vida (GONÇALVES; GONÇALVES; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

A complexidade para a compreensão do suicídio é um dos principais fatores discutidos na literatura, visto que as motivações e causas podem variar significativamente em diferentes épocas e culturas e de indivíduo para indivíduo. Essa é uma das razões pelas quais é tão difícil a sua prevenção e, por consequência, a diminuição dos casos de morte por suicídio (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

As pesquisas acerca do suicídio relacionam como alguns dos principais fatores de influência para atos suicidas a situação econômica, idade e sexo, desigualdades sociais, problemas relacionados à saúde mental, nível de escolaridade, problemas de identidade sexual, exposição a armas de fogo e outros instrumentos letais, como medicamentos e substâncias tóxicas, vivência de lutos,

exposição a situações de estresse, abusos e violência, preconceito, discriminação, marginalização e histórico familiar (GONÇALVES; GONÇALVES; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Não há fórmula pronta que auxilie na compreensão do sofrimento humano, cada indivíduo possui sua subjetividade e vive suas experiências de forma única. De acordo com Rocha, Boris e Moreira (2012), em decorrência do sofrimento desencadeado pelas experiências de vida do indivíduo, mediante o seu contexto psicossocial, a morte passa a ser uma alternativa a ser considerada, visto que esta poria fim à dor e ao sofrimento.

O suicídio está atrelado a uma ambiguidade que coloca o indivíduo em constante conflito: há o desejo de tentar mudar sua situação atual e continuar vivendo e há o desejo pelo fim do sofrimento que está vivenciando. Porém, para que a primeira opção aconteça e ele permaneça vivo é preciso encontrar uma solução para seus problemas, e o indivíduo que se encontra nessa situação dificilmente consegue enxergar outra solução para o fim do seu sofrimento que não seja a morte (FUKUMITSU et al., 2015).

Botega (2014) pontua que a efetivação do suicídio tem como principal fator de risco as tentativas anteriores, sendo assim, indivíduos que em algum momento tentaram suicidar-se possuem maior probabilidade de cometerem suicídio do que a população em geral. Dentre outros fatores de risco estão transtornos mentais, principalmente a depressão e a esquizofrenia, presença de doenças crônicas, abuso de drogas, e estrutura familiar (GOMES et al., 2014).

De acordo com Gonçalves, Gonçalves e Oliveira Junior (2011) alguns fatores que podem desencadear o suicídio são fenômenos que alteraram a ordem social e causam impactos significativos na vida das pessoas, como os desastres naturais, conflitos em grande escala, desigualdades sociais, crises econômicas e políticas e o desemprego.

Dentre os casos de morte por suicídio, pesquisas apontam que em média 90% dos indivíduos que tiraram a própria vida apresentavam, em maior ou menor grau, algum transtorno psíquico, em sua maioria a depressão, sendo que nesses casos, mais da metade dos indivíduos não estavam em tratamento quando cometeram o suicídio (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2013).

O desejo pela morte em pessoas que possuem ideação suicida se constitui durante o tempo, de acordo com o meio em que o indivíduo está inserido e com as

relações que ele estabelece, não sendo um ato repentino (VENTURELA, 2011). A pessoa que comete suicídio está, provavelmente, já há algum tempo com a ideia suicida, em sofrimento e passando por momentos de muita angústia.

O suicídio é uma questão que deve ser analisada não apenas pela Filosofia, ou pela Psicologia, mas pela ciência de forma geral, pois se trata de uma questão complexa e, infelizmente, bastante recorrente em nossa sociedade, que gera sofrimento e desgaste psicológico em todos os afetados (FEIJOO, 2019).

Ferreira Junior (2015) pontua que os dados acerca do suicídio são importantes indicadores para a percepção da qualidade de vida da população, pois o contexto social é um importante fator a ser considerado ao analisarem-se as motivações suicidas, que além dos aspectos subjetivos de cada indivíduo, também está intrínseco às relações sociais e culturais.

Os dados acerca do suicídio mostram que deve-se falar sobre isso, orientar e, principalmente, dar voz a quem está vivendo esse sofrimento, mas a morte, apesar de ser uma certeza, ainda é um tabu em nossa sociedade, poucas pessoas querem falar sobre a morte, ou sabem lidar com ela. Isso se intensifica quando a causa da morte é por suicídio, quando alguém escolhe morrer e executa o fim da própria vida (VENTURELA, 2011).

As mortes por suicídio causam impactos que estão além dos números levantados, o sofrimento emocional que advém do fim proposital de uma vida é incalculável, pois outras vidas são afetadas, não apenas de familiares e amigos. Quando uma vida é perdida por meio do suicídio toda a sociedade é de alguma forma afetada, pois são nessas relações, por meio de uma vida com qualidade e em meio a uma sociedade saudável, que as vidas devem ser preservadas e valorizadas (FERREIRA JUNIOR, 2015).

Por tratar-se de um fenômeno que se entrelaça a questões biológicas, sociais e emocionais se faz possível a observação de alguns comportamentos considerados de risco, como o isolamento, humor depressivo ou hostil, uso abusivo de substâncias psicoativas, queda no rendimento e produtividade, dentre outros, tornando possível detectar precocemente a ideia suicida e evitar que o indivíduo tire a própria vida, o que não é apenas um infortúnio pessoal, como também um problema de saúde pública (FUKUMITSU et al., 2015).

4.2. O SUICÍDIO E AS SUAS VERTENTES: IDEAÇÃO SUICIDA, COMPORTAMENTOS SUICIDAS E TENTATIVAS DE SUICÍDIO

O suicídio não é constituído apenas pelo ato conclusivo de tirar a própria vida, dentro desse fenômeno complexo estão presentes desde pensamentos recorrentes sobre a morte, até pequenas atitudes que estão em contraponto à vida, seja de forma a prejudicar a sua integridade física ou através de autossabotagens que levam o indivíduo a se prejudicar em diversos âmbitos de sua vida, muitas vezes sem a consciência de que aquela é uma forma encontrada para justificar o fim da própria existência (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

O suicídio possui três principais categorias que distinguem os comportamentos acerca do ato de se matar, são elas: a ideação suicida, o comportamento suicida e a tentativa de suicídio. Essas três vertentes que caracterizam o ato de tirar a própria vida são os precedentes do suicídio em si, o ato efetivado (FONSECA; LÔBO, 2015).

A ideação suicida é o ato precursor dos comportamentos suicidas e a sua análise é importante, pois a partir dela é possível identificar um potencial suicídio e as motivações para tal ato. Azevedo e Matos (2014) definem a ideação suicida como pensamentos sobre a morte, sobre a ideia de que não vale a pena continuar vivo. Esses pensamentos podem incluir o planejamento de métodos para por fim à própria vida.

Para Moreira e Bastos (2015) a ideação suicida engloba pensamentos, desejos e planejamento para a consolidação da ideia de se matar. Em casos onde há ideação suicida, o desejo de morrer manifestado através dos pensamentos de morte são o passo inicial para comportamentos autodestrutivos, que levam às tentativas de suicídio e, por fim, ao suicídio efetivado. O suicídio, portanto, inicia-se com a ideia de morrer, pensamentos recorrentes sobre o fim da própria vida e com a ideia de que continuar vivo não é uma opção desejada.

Azevedo e Matos (2014) pontuam que a maior incidência de ideação suicida ocorre em adolescentes, sendo essa fase da vida propensa a comportamentos de autodestruição, sendo possível nesta fase a identificação de jovens e adultos com propensão a cometer suicídio.

Pensamentos sobre a morte não representam necessariamente ideação suicida. É natural e parte do processo de crescimento refletir sobre a morte e a sua

representação, se colocando na ideia de finitude, porém esses pensamentos devem ser cuidadosamente analisados para que seja possível identificar uma ideação suicida, o real desejo pelo fim da própria vida, quando a ideia da morte parece ser a única solução para o fim dos sofrimentos, quando esses pensamentos se tornam intensos e recorrentes e o indivíduo se vê preso a eles (MOREIRA; BORIS, 2015).

A presença identificada de ideação suicida é um fator de risco para o suicídio. Frases como “a vida não vale a pena”, “não quero continuar vivo”, “morrer seria melhor”, são frases das quais as pessoas próximas ao indivíduo com potencial suicida devem atentar-se (MOREIRA; BORIS, 2015).

A ideação suicida é um sinal de que algo está errado, e de que algo muito ruim possa vir a acontecer, por isso é importante identificar essa fase onde o desejo pelo fim da própria vida ainda estão apenas nos pensamentos e ideias, para que a prevenção ao ato seja efetiva, buscando também minimizar o sofrimento do indivíduo que deseja se matar (MOREIRA; BORIS, 2015).

Os comportamentos suicidas também fazem parte da representação do suicídio e das formas como pode manifestar-se uma pessoa com tendências suicidas. Abreu et al. (2010) define o comportamento suicida como a ação em que o indivíduo causa dano a si próprio, como forma de autoagressão. Os comportamentos suicidas podem ser pensamentos de agressão voltada para si, pensamentos de autodestruição, atitudes que violem, machuquem e que o indivíduo cause dor ao si próprio, como nas tentativas de suicídio.

Quando observados em uma perspectiva abrangente, os comportamentos suicidas podem ser considerados indicativos de que há a possibilidade de que ocorra um suicídio. Comportamentos de autolesão e práticas que são contrárias à vida, como dirigir embriagado e sem uso de equipamentos de segurança, uso de drogas associado a medicamentos, imprudência e pouco cuidado com a saúde física e mental são alguns dos comportamentos que podem ser considerados suicidas, mesmo não havendo tentativas explícitas de suicídio (SCHLÖSSER; ROSA; MORE, 2014).

Para Souza et al. (2011) além dos comportamentos suicidas mais comumente encontrados e definidos como de autolesão, aludindo ao suicídio, outros comportamentos autodestrutivos podem ser considerados comportamentos suicidas, como o uso abusivo de substâncias psicoativas, autonegligência e auto sabotagem nos tratamentos médicos e psicológicos, comportamentos de risco, como esportes

radicais, que muitas vezes não são cuidadosamente analisados, e as mortes que decorrem deles não são consideradas como uma morte voluntária, ou seja, um suicídio.

Os comportamentos suicidas de autolesão e autoagressão são comumente associados a uma tentativa de obtenção de atenção e cuidados especiais, ou como uma forma de abalar alguém emocionalmente, fazendo a pessoa sentir-se culpada ou assustada, ou como uma forma intensa de pedir ajuda. Independente da motivação, se foi ou não com intenção de por fim à própria vida, esses comportamentos devem ser observados, pois são sinais de alerta de que algo não está certo com aquele indivíduo (SCHLÖSSER; ROSA; MORE, 2014).

Para Botti et al. (2018) pessoas que apresentam algum comportamento suicida possuem dificuldade para enfrentar situações cotidianas que causem estresse, possuem dificuldade em encontrar soluções assertivas para seus problemas e essas pessoas também apresentam sentimentos de inferioridade, pessimismo, falta de esperança, desamparo e solidão.

Comumente associadas aos comportamentos suicidas, as tentativas de suicídio são toda e qualquer atitude que tenha como intuito o fim da própria vida, mas que por alguma razão não conseguiu efetivar-se. De acordo com Gutierrez (2014) dentre os indivíduos que tentaram suicídio que são atendidos em emergências, cerca de até 60% deles já realizaram outras tentativas de se suicidar previamente, e que cerca de 25% desses indivíduos irão realizar outras tentativas no decorrer de um ano.

De acordo com Souza et al. (2011) a tentativa de suicídio é uma atitude em que a agressividade se volta para si, porém não culmina em morte, mas podem exigir cuidados médicos em casos onde a tentativa de se matar tenha causado problemas de saúde mais graves. Outro fator importante de se destacar é acerca das tentativas de suicídio menos graves em que não se fazem necessários cuidados hospitalares, o que dificulta os estudos na área e causa certa imprecisão nos dados relacionados ao suicídio (SOUZA et al., 2011).

Estima-se que para cada suicídio efetivado existiram cerca de outras dez tentativas, acrescentando o fato de que essas tentativas prévias tiveram gravidade considerável, necessitando de assistência médica para reverter o quadro de saúde do indivíduo, além de que, as tentativas de suicídio podem ser até quarenta vezes mais recorrentes do que os suicídios efetivados (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2013).

Dessa forma, constata-se que os números acerca do suicídio são ainda mais preocupantes considerando as tentativas de suicídio, que enquadram-se como uma das características do ato de tirar a própria vida.

Analisar as tentativas de suicídio é de fundamental importância para a compreensão do suicídio e para a realização de um trabalho de prevenção. “As tentativas de suicídio tendem a ser recorrentes e a história de tentativa prévia representa o mais importante preditor de suicídio completo” (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2013, p. 176).

A tentativa de suicídio culmina em diferentes sentimentos na pessoa que a realizou, ela pode sentir-se frustrada e incompetente por não ter conseguido efetivar o ato, isso lhe implica em mais sofrimento, visto que o que ela não conseguiu o que desejava, e que as consequências dessa tentativa fracassada trarão implicações a ela e às pessoas próximas, que após o acontecimento encontram-se assustadas e com receio de que novas tentativas possam ocorrer e, no pior cenário, que possam efetivar-se (GUTIERREZ, 2014).

Em muitos casos, segundo Gutierrez (2014) a morte por suicídio ocorre já na primeira tentativa em pessoas mais velhas, devido a fatores como a fragilidade da saúde e maior acesso a instrumentos letais, dessa forma os cuidados profissionais devem ocorrer no posterior à morte, sendo focalizado em familiares e pessoas próximas, que podem encontrar auxílio em grupos de apoio e em terapias individuais.

Outros fatores que podem caracterizar algumas tentativas de suicídio é a impulsividade e a pouca intencionalidade. Segundo Bernardes, Turini, e Matsuo (2010) essas tentativas de suicídio têm menor índice de reincidência, pois são ocasionadas por episódios esporádicos de estresse, tristeza ou angústia, que são temporários e não caracterizam um sofrimento persistente.

As tentativas de suicídio se distinguem em sua gravidade. Há casos de internação hospitalar, onde o indivíduo, após ter causado em si danos graves, quase perde a vida e se vê em uma situação de grande angústia, havendo em muitos casos arrependimento, ou prevalecendo o sentimento de frustração por não ter atingido o seu objetivo inicial (SOUZA et al., 2011).

A família e os amigos são de fundamental importância em casos de tentativa de suicídio, pois eles serão a rede de apoio do indivíduo em sofrimento, buscando

prevenir outras tentativas, certificando-se que a pessoa está realizando corretamente o tratamento psicológico e farmacológico, quando for o caso, detectando possíveis gatilhos emocionais e estando em vigilância, além de ser uma fonte de afeto e acolhimento que é fundamental para que o mesmo encontre um sentido para permanecer vivo (GUTIERREZ, 2014).

Peres et al. (2016) considera a ideação suicida e a tentativa de suicídio como comportamentos suicidas prévios, que indicam a predisposição de ocorrência de suicídio. Quando esses comportamentos suicidas estão associados a outros fatores de risco é grande a probabilidade de que suicídio se efetive. Portanto, é de extrema importância que, ao encontrar um indivíduo com ideação suicida ou que já tenha tentado tirar a própria vida, os cuidados sejam redobrados, pois o principal indicativo de que este indivíduo está prestes a por fim à própria vida são os comportamentos suicidas que ele apresenta.

4.3. A PSICOLOGIA EXISTENCIAL E SUA EXPRESSÃO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Psicologia Humanista surgiu como uma alternativa que fugisse dos modelos já existentes na Psicologia e predominantes na época: a Psicanálise e o Behaviorismo, consideradas pelos críticos como abordagens reducionistas e deterministas, apesar de suas contribuições para a ciência psicológica (BEZERRA; BEZERRA, 2012). É nesse movimento que Carl Rogers, considerado o principal expoente da Psicologia Humanista, constitui a Abordagem Centrada na Pessoa. Para buscar a compreensão do suicídio sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, é necessário que se compreenda, de forma sucinta, a teoria que fundamenta esta abordagem com um breve percurso pela teoria da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers.

A Abordagem Centrada na Pessoa, ao ser definida dessa forma, exprime a sua conexão com o outro para além da psicoterapia, pois é uma visão muito mais ampliada do ser humano, e se torna, para os seus adeptos, não apenas um viés técnico utilizado em psicoterapia, mas uma visão de mundo e uma filosofia de vida, onde o principal foco é o crescimento do indivíduo (CARVALHO, 2019).

Carl Rogers (1902 – 1987), fundador da Abordagem Centrada na Pessoa, em sua teoria da personalidade humana, postula o conceito de Tendência Atualizante, que ele define como uma tendência para o desenvolvimento completo, que está presente em todo organismo vivo (ROGERS, 1989). É a partir desse conceito que se desenvolve a ACP enquanto abordagem psicológica, com uma visão otimista do homem, concebendo-o como um ser detentor de potencialidades, capaz de conduzir a sua vida quando lhe são disponibilizadas três atitudes que Rogers denominou facilitadoras, são elas a congruência, a aceitação positiva incondicional e a compreensão empática (ROGERS, 1989).

Por congruência Rogers (1989) definiu a atitude do terapeuta diante do cliente de forma autêntica e verdadeira, livre de uma falsa fachada profissional. Quando o terapeuta é ele mesmo na relação e o cliente sente a sua veracidade, sem bloqueios, aumenta-se a probabilidade de o cliente também ser ele mesmo, promovendo assim, crescimento. Quando existe congruência na relação, o terapeuta pode comunicar ao cliente o que está em sua consciência ou o que está sentindo naquele momento. “São os sentimentos e as atitudes que promovem a ajuda,

quando expressos, e não as opiniões ou os julgamentos sobre a outra pessoa” (ROGERS, 1989, p.18).

A aceitação ou consideração positiva incondicional possibilita ao cliente experienciar uma relação onde é aceito incondicionalmente pelo que ele é. Quando o terapeuta vivencia essa aceitação para com o cliente, é maior a probabilidade de que ocorram mudanças. Essa atitude não é, porém, uma obrigatoriedade ao terapeuta, que em alguns momentos pode apresentar sentimentos negativos em relação ao cliente, o que Rogers (1989), considera é que quanto mais a atitude de aceitação positiva incondicional estiver presente na relação terapêutica, maior a probabilidade de que haja uma mudança construtiva no cliente.

A terceira atitude facilitadora da relação terapêutica é a compreensão empática, que para Rogers (1989), acontece quando o terapeuta se coloca dentro do mundo interno do cliente, sentindo o que ele sente. Em uma relação terapêutica, quando o terapeuta expressa ao cliente os sentimentos que sente a partir da compreensão empática, contribui para que o cliente tome maior consciência de seus próprios sentimentos e seus significados.

As atitudes facilitadoras são a principal fonte para a mudança terapêutica do cliente, de acordo com Rogers (1989, p. 20):

À medida que a cliente depara-se com a terapeuta escutando com atenção seus sentimentos, torna-se capaz de escutar com atenção a si mesma – ouvir e aceitar a raiva, o medo, a ternura, a coragem que está sendo vivenciada. À medida que a cliente observa a terapeuta apreciando e valorizando mesmo os aspectos ocultos e desagradáveis que foram expressos, ela vivencia apreço e afeição por si mesma. À medida que a terapeuta é percebida como sendo real, a cliente é capaz de abandonar fachadas, para mostrar mais abertamente sua vivência interna.

Rogers compreende a experiência humana como uma decorrência das escolhas realizadas através das experiências vividas, assim o indivíduo torna-se o que se é, torna-se pessoa, atribuindo novos significados a essa experiência existencial, a pessoa se constitui a partir do significado que dá as suas experiências (DA ROCHA, BORIS, MOREIRA, 2012).

Na Abordagem Centrada na Pessoa o conceito de Tendência Atualizante é um mecanismo presente em todo indivíduo que torna-o responsável e detentor da capacidade natural para o desenvolvimento e realização (CANDELÁRIA et al., 2018) A Abordagem Centrada na Pessoa, enquanto construção teórica, em sua conexão com o existencialismo, se dá à priorização das atitudes em relação às teorias alheias à realidade, de modo a comprovar a máxima de Jean-Paul Sartre,

filósofo existencialista, que diz que a existência precede a essência (BEZERRA; BEZERRA, 2012).

Para a Abordagem Centrada na Pessoa, assim como pautado na filosofia existencialista, o homem é possuidor de liberdade e está em constante evolução, para buscar o seu crescimento, quando lhe são ofertadas as condições psicológicas necessárias para esse crescimento (CORREIA; MOREIRA, 2016).

A Psicologia Humanista, em anuência com a filosofia existencialista, “busca resgatar o respeito e a ênfase no ser humano, destacando o papel dos sentimentos e da experiência como fator de crescimento” (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p.25).

A relação entre a ACP e o Existencialismo se dá pela concepção de pessoa que é comum em ambas, onde o indivíduo é um ser em construção, não podendo ser reduzido em sua concretude, possuidor de potencialidades para ele próprio encontrar caminhos viáveis em situações desfavoráveis (BEZERRA; BEZERRA, 2012).

A Psicoterapia Centrada no Cliente leva em consideração e dá maior enfoque nas experiências vivenciadas atualmente pelo indivíduo, nos seus interesses e no que é importante para ele naquele momento, deixando-o conduzir e direcionar o processo terapêutico de acordo com os seus próprios desejos (MELO; LIMA; MOREIRA, 2015).

Na psicoterapia humanista a relação terapêutica tem função primordial, pois ela também é considerada importante no processo de crescimento do cliente. Esta se estabelece focalizando no presente, tendo o indivíduo como centro e não os problemas que ele traz e estando mais conectada emocionalmente do que intelectualmente em técnicas de manejo da terapia (MELO; LIMA; MOREIRA, 2015).

Rogers coloca como fundamental para o processo de crescimento do indivíduo a liberdade que deve ser estabelecida na relação terapêutica, essa relação deve ser uma experiência que o impulsiona ao crescimento, um lugar onde ele possa ser livre para expor os seus sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, o que não pode ser observado em qualquer outra relação que ele possa estabelecer (MELO; LIMA; MOREIRA, 2015).

Diferente de outras abordagens psicológicas que possuem o seu enfoque nas patologias e nas experiências passadas do indivíduo, a ACP possui o seu enfoque no aqui e no agora, no crescimento e fortalecimento do indivíduo e das suas

potencialidades, sendo ele mesmo o detentor da capacidade de se auto realizar (CARVALHO, 2019).

Sendo uma abordagem terapêutica não diretiva, a ACP permite ao cliente a liberdade para que conduza o seu processo de crescimento, sem que haja posições de autoridade ou dependência, fazendo com que o cliente, munido desta liberdade, possa expressar os seus sentimentos sem medo de julgamentos ou repreensões, o papel do terapeuta nesta relação é facilitar esse caminho de compreensão de suas questões, que diz respeito apenas ao cliente, assim como as escolhas que ele fará a partir disto (MELO; LIMA; MOREIRA, 2015).

Ao encontrar-se em uma relação onde existe compreensão e seus sentimentos são refletidos, tornando-se claros e consistentes, a pessoa que está passando por uma situação de desejo pela morte encontra-se em contato consigo, podendo refletir e repensar a sua existência, o que a levou àquela situação e quais são os meios para que ela possa fazer de sua vida um encontro de sentido e de realização (CARVALHO, 2019).

A psicoterapia é um momento em que o sujeito se sente compreendido por outra pessoa, o psicoterapeuta, essa experiência se mostra bastante positiva para o cliente, pois ao ver as suas experiências, sentimentos, angústias e percepções expressos por outra pessoa de forma clara, possibilita a ele observar mais objetivamente as suas questões, favorecendo o processo de aceitação do eu, já que no momento da psicoterapia experimenta essa aceitação vinda do outro (MELO; LIMA; MOREIRA, 2015).

Um dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa enquanto psicoterapia é a vivência de uma relação empática, onde os sentimentos transmitidos pelo cliente sejam sentidos também pelo terapeuta através da centralização no cliente, da congruência e da autenticidade da relação. Quando essas atitudes estão presentes o outro sente-se valorizado, enxergado e consegue dessa forma enxergar a si mesmo, crescer e criar possibilidades e novos significados para a sua vida (GUTIERREZ, 2014).

4.4. O OLHAR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA SOBRE O SUICÍDIO

O existencialismo é uma corrente filosófica que se popularizou no século XX a partir dos escritos do filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), inspirado por filósofos como Kierkegaard (1813-1855), Dostoiévski (1821-1881), Nietzsche (1844-1900), Husserl (1859-1938) e Heidegger (1889-1976), que concebem a existência humana como uma experiência única e singular, que possui motivações particulares para cada indivíduo, não podendo ser mensuradas de forma a se equiparar a qualquer outra existência (PENHA, 2014).

Seguindo a corrente existencialista, o psiquiatra Viktor Frankl (1905-1997) foi o principal expoente dessa linha filosófica atrelada à clínica psicológica ao conceber a ludoterapia que tem, como principal objetivo, a busca pelo sentido de vida para uma existência autêntica, sentido esse que se difere de indivíduo para indivíduo (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

Se o sentido de vida que cada indivíduo possui é a força propulsora para uma existência autêntica, a falta desse sentido pode ser razão suficiente para que o indivíduo escolha morrer, sendo o vazio existencial, em uma perspectiva existencialista, a principal motivação para o suicídio (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

Para as vertentes da Psicologia que tem como uma de suas bases a filosofia existencial, é compreendido que cada indivíduo é detentor de sua existência, e essa por sua vez é singular, e o olhar que esta filosofia tem para o ser humano é um olhar livre de julgamentos, estigmas ou juízo moral, e é dessa maneira que ocorre a sua concepção sobre o fenômeno do suicídio (FEIJOO, 2019).

A morte como alternativa para o sofrimento pode ser compreendida, dentro de uma perspectiva existencialista, como um modo inautêntico de viver, levando ao vazio existencial, que pode ocasionar uma vida sem sentido, marcada por sentimentos de fracasso, infelicidade e sem realizações pessoais. Ao se encontrar em uma situação de vazio existencial, a morte pode parecer uma opção interessante diante de todo o sofrimento que o indivíduo está vivendo (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

De acordo com Bezerra e Bezerra (2012) a base existencialista da teoria humanista está na visão do homem comprometido com o mundo, no qual é detentor de criatividade e da possibilidade de se atualizar, dessa forma, compreende-se que a escolha pelo suicídio pode representar uma falta de sentido de vida, que se

constitui em uma situação desfavorável, onde o indivíduo opta pela opção mais complexa, que é tirar a própria vida (ROCHA, BORIS, MOREIRA, 2012).

Existe, em quem tenta suicidar-se ou em quem possui ideação suicida, um desespero, uma perda de si, em que, entrelaçado a esse desespero, existem tentativas de dribla-lo, minimiza-lo ou, em seu maior desejo, por fim a ele. A busca pelo fim do desespero diante de uma existência inautêntica pode acontecer de diversas maneiras, por meio dos vícios, escondendo-se através de uma psicopatologia ou através do meio mais extremo e definitivo: o suicídio (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

A escolha pelo suicídio irá colocar a pessoa diante de um grande problema existencial, onde estará em uma posição em que deverá questionar-se qual o valor que sua própria vida tem. Em situações extremas como a de quem comete suicídio, geralmente não se encontra valor em sua própria vida (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

A experiência do suicídio não deve ser reduzida apenas a possíveis patologias existentes no indivíduo, como se fossem o único fator desencadeador desse fenômeno. O suicídio, de acordo com Rocha, Boris e Moreira (2012), pode ser compreendido como uma construção a partir das experiências vividas.

Não podemos apontar uma única causa para o suicídio, pois é um fenômeno que ocorre como culminância de diversos eventos e fatores, como os sociais, culturais, biológicos e psicológicos. Por conta de sua complexidade, o fenômeno do suicídio se constitui um grande desafio para sua compreensão. (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012, p. 74).

Segundo Silva, Alves e Couto (2016) a sociedade contemporânea propicia o vazio existencial, pois está interligada ao desespero por meio das angústias vivenciadas, da solidão, do vazio de uma vida repleta de tarefas e obrigações, onde o indivíduo muitas vezes não tem tempo ou incentivo para olhar para si, contemplar a sua existência e encontrar um sentido nela.

Rocha, Boris e Moreira (2012), concebem a escolha pela morte como advinda de um niilismo, que acaba por se tornar o sentido de vida daquele indivíduo, o aniquilamento, a não existência são os fatores que fundamentam a sua existência, “a perda de sentido da vida é uma antecipação das tentativas de suicídio.” (p. 77).

O olhar da vertente Existencial-Humanista compreende o suicídio como um ato final em relação ao desespero e à melancolia advinda de um profundo vazio existencial, que pode ter se construído através da relação desse indivíduo com o

mundo, com as perdas, com a solidão, ou diversas outras questões que são singulares de cada indivíduo, por isso é importante que cada situação seja vista com um olhar único e individualizado (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

De acordo com o pensamento de Carl Rogers sobre a existência humana, o suicídio pode representar uma incongruência entre o seu self e as suas experiências, nesse sentido a pessoa vive a partir das concepções das outras pessoas, concepções do seu próprio autoconceito que ele introjeta por uma necessidade de afeto, e essas concepções passam a representa-lo, porém de forma inautêntica, distorcendo aquilo que ele deve acreditar que é, em outras palavras, a pessoa passa a ser o que as pessoas querem que ela seja, e não o que ela realmente é (FONSECA; LÔBO, 2015).

A existência humana consiste em um apanhado de experiências que possibilitarão ao indivíduo a autorrealização, que é possível através de uma vivência autêntica e congruente, onde se encontra sentido em suas experiências e, através desse sentido, crescimento. Quando essas experiências que compõem a vida não são respaldadas pelas condições necessárias para o crescimento, sendo elas a congruência, a autenticidade, a aceitação e a compreensão empática, o indivíduo dificilmente encontrará sentido em sua existência, não encontrará as suas potencialidades, vivendo então um vazio existencial, que pode levá-lo ao suicídio (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

De acordo com a psicologia Existencial-Humanista, seguindo o pensamento de Carl Rogers, a experiência de estar no mundo se constitui em tornar-se quem se é. Nessa perspectiva, as experiências humanas são o que tornam o indivíduo uma pessoa, um ser em crescimento, pois vivenciando e lidando com as experiências que a vida lhe possibilita, sejam elas positivas ou negativas, o indivíduo consegue propiciar significado a sua própria existência (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Para a vertente Existencial-Humanista o ser humano pode ser compreendido através das suas experiências, sendo o seu principal foco a forma como cada indivíduo as vivencia, inclusive, sendo uma delas, a psicoterapia. Dessa forma, em indivíduos que vivenciam o suicídio através de ideação, comportamentos ou tentativas, é importante compreender o significado daquela experiência para ele, pois, ao compreender o significado atribuído a ela, será propiciado ao indivíduo a possibilidade do crescimento (CANDELÁRIA et al., 2018).

Uma existência sem sentido, onde o indivíduo não consegue viver autenticamente, crescendo e desenvolvendo suas potencialidades, pode desencadear o desejo pela finitude, visto que não há razões para permanecer vivo, pois o vazio de uma vida sem sentido é doloroso e gera no indivíduo sentimentos de incapacidade, tédio, melancolia, angústia e desprazer (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

De acordo com Feijoo (2019) o encontro de sentido só ocorre em consonância com a própria existência, que é singular em suas experiências, sentimentos, crenças e tudo o que compõe a subjetividade de uma pessoa, dessa forma não há outra maneira de encontrar o sentido da vida que não seja existindo. Para a autora “o suicídio é um ato que guarda em seu interior tanta complexidade e mistério que tal decisão merece ser acompanhada no âmbito da própria experiência daquele que decide retirar-se da vida” (p. 166).

Para Silva, Alves e Couto (2016) seguindo o pensamento da filosofia existencial, o sofrimento e as angústias são parte essencial do ser humano e da sua experiência de vida, sendo alguns dos fatores que colocam o indivíduo dentro da condição de ser humano. Pessoas que cometem suicídio não se permitem a vivência das angústias, ou as vivenciam por tanto tempo que se tornam insuportáveis. Em uma perspectiva existencialista o sofrimento faz parte da experiência de ser humano e precisa ser vivido, compreendido e ressignificado. A vivência desse sofrimento e as frustrações que dele advém pode levar um indivíduo a considerar o fim da vida uma alternativa mais viável.

Conforme Silva, Alves e Couto (2016), um ato suicida pode estar relacionado com uma vivência de solidão insuportável, em que viver só se torna um fardo que o indivíduo não suporta carregar. Ainda de acordo com os autores, os comportamentos suicidas representam o fracasso social de quem os comete, pois é uma forma de representar a sua não existência, sua falta de lugar no mundo.

Um suicida está vivenciando uma questão que tem como centro os dois limites mais elementares da existência humana: a vida e a morte. Dentro desse conflito está a tomada de decisão que é atípica quando se refere à escolha pela vida ou pela morte, porque tomar essa decisão comumente não cabe ao indivíduo, pois são processos que não estão sob seu domínio (FEIJOO, 2019).

Os suicidas não conseguem conceber outra forma de existir, para eles é, na maior parte dos casos, incabível o fim do vazio e do sofrimento, não há possibilidade

de resignificação, pensam já ter tentado de todas as maneiras possíveis mudar a sua trajetória e encontram como única alternativa para o fim do sofrimento o fim da própria vida, por isso é tão necessário um auxílio especializado, que com uma visão centralizada na pessoa possa ajudá-la a encontrar dentro dela os sentidos que lhe são invisíveis (SILVA; ALVES; COUTO, 2016).

De acordo com Fukumitsu (2014), é inevitável que um psicólogo, durante sua carreira, se veja diante de uma pessoa que apresenta ideação ou comportamentos suicidas, nesse momento o profissional estará diante dos conflituosos sentimentos de onipotência e, ao mesmo tempo, de impotência diante da vida daquele indivíduo, a Psicologia tem, portanto um importante papel diante dos casos que envolvem a morte voluntária. Diante desta compreensão, a Psicologia Existencial-Humanista é uma das vertentes que podem ser usadas ao lidar com este e outros fenômenos complexos da existência humana.

A busca e o encontro de novos sentidos para a vida é o principal objetivo ao auxiliar um indivíduo que está passando por alguma das etapas do suicídio, seja quando há apenas a ideia projetada, vinda de um vazio que lhe traz sofrimento, ou mesmo quando o indivíduo possui comportamentos autolesivos e tenta se matar. Ao encontrar novos sentidos para a sua vida, a sua existência passa a ter significado, tornando-se autêntica (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Na experiência existencial em psicoterapia, um indivíduo que possua ideias suicidas, ou mesmo que já tenha tentado se matar em algum momento e tem esses pensamentos recorrentemente, pode encontrar naquele momento um sentido para permanecer vivo, visto que foi a falta de sentido que o levou até ali, estar diante dessa busca pela compreensão de seu próprio vazio pode leva-lo a encontrar outros sentidos que o possibilitem viver a vida de forma mais genuína (FUKUMITSU, 2014).

De acordo com Carvalho (2019) a linguagem é a um importante fator que constitui a existência humana, sendo assim, uma relação onde haja comunicação, compreensão e respeito pelo sentir do outro e pelas suas experiências é fundamental na busca do sentido de vida, pois ao ver-se em uma relação onde a sua existência é valorizada, o indivíduo passa a considerar a validade de sua própria existência, e assim poderá encontrar sentido em sua vida.

Gutierrez (2014) salienta a importância da humanização no cuidado com pessoas que viveram ou ainda estão vivendo a experiência do suicídio, através de

uma visão holística, que inclua o indivíduo em todas as suas esferas, inclusive a psicossocial, de modo a não rotular por patologias ou qualquer outra questão já que, assim como foi explanado no decorrer da pesquisa, o suicídio não tem apenas uma motivação e não pode ser reduzido a explicações simplistas. Uma relação pautada na empatia e na aceitação, onde seja possível o compartilhamento das dores, sofrimentos, angustias, alegrias e experiências é o passo inicial e fundamental para a prevenção de um suicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um grave problema de saúde pública que assola milhares de pessoas e todos que estão a sua volta, pois se trata da externalização de um profundo sofrimento que, por si só, também causa grande dor, pois trata-se de um conflito existencial que leva o indivíduo a questionar o sentido de sua vida e, na maioria das vezes, perceber que não há nenhum.

Existem diversas teorias e linhas de pensamento que podem contribuir para a compreensão do suicídio, pois elas buscam compreender o homem em sua complexidade e tudo que dele advém. Essa multiplicidade de compreensões é o que torna a Psicologia tão rica em seus saberes e nas possibilidades de auxiliar as pessoas em suas questões mais profundas.

A compreensão do suicídio e das suas vertentes é fundamental para que se possa ajudar o indivíduo que está passando por essa situação. Identificar se existe ideação suicida, se ele possui comportamentos autolesivos que podem ter sido realizados com intenção de autodestruição ou se já tentou em algum momento pôr fim a própria vida é um importante fator que auxiliará em seu processo de encontro de sentido e de crescimento, visto que o desejo pela morte pode se manifestar de diferentes maneiras e que cada uma delas possui suas particularidades.

O suicídio é uma questão bastante complexa que deve ser cuidadosamente analisada, pois quando um indivíduo enxerga na morte, na finitude, uma opção para o alívio do sofrimento levanta-se a reflexão acerca da vida em sua mais complexa expressão, no ponto crucial que é o questionamento básico da filosofia: afinal, o que é a vida? Ela vale a pena?

Como forma de buscar essas respostas, a filosofia Existencial-Humanista e a Abordagem Centrada na Pessoa dispõe uma nova pergunta: qual o sentido da vida? A busca pelo sentido da vida é o que nos mantém em constante atualização, portanto, engajados no fluxo da vida. Perceber-se na falta desse sentido pode ser a motivação para o fim.

A Abordagem Centrada na Pessoa é um importante recurso nessa busca por sentido, afinal é um de seus princípios e o desejo de cada terapeuta pautado nessa linha teórica auxiliar o indivíduo a encontrar a plenitude da vida, o que não significa uma vida perfeita e isenta de problemas, mas uma existência onde se possa

enxergar a vida com tudo o que ela é, e, apesar dos percalços no caminho, escolher vivê-la constantemente.

O suicídio é um tema recorrente e preocupante. É necessário que haja mais estudos na área e profissionais mais bem preparados para lidar com esse complexo problema que assola tantas pessoas e que necessita de uma atenção para além do seu objetivo final: a morte. É necessário que a pessoa que está vivenciando a experiência do suicídio seja vista e escutada, que se olhe para o oposto do que normalmente se focaliza nesses casos. É necessário que a atenção seja focalizada na vida desse indivíduo e em todos os significados que ela possui.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Kelly Piacheski de et al. Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. **Revista eletrônica de enfermagem**, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/9537/6607>. Acesso em 16 jun. 2020.
- ARAUJO, Luciene da Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 1, p. 47-57, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n1/06.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2020.
- AZEVEDO, Andreia; MATOS, Ana Paula. Ideação suicida e sintomatologia depressiva em adolescentes. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 179-190, 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 jun. 2020.
- BERNARDES, Sara Santos; TURINI, Conceição Aparecida; MATSUO, Tiemi. Perfil das tentativas de suicídio por sobredose intencional de medicamentos atendidas por um Centro de Controle de Intoxicações do Paraná, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 1366-1372, 2010. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2010.v26n7/1366-1372/pt>. Acesso em 14 jun. 2020.
- BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do Nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**, v. 4, n. 2, p. 21-36, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 out. 2019.
- BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia Usp**, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300231&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 out. 2019.
- BOTTI, Nadja Cristiane Lappann et al. Características e fatores de risco do comportamento suicida entre homens e mulheres com transtornos psiquiátricos. **Cogitare enfermagem**, v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229541865.pdf>. Acesso em 21 jun. 2020.
- CANDELÁRIA, Luiza et al. Suicídio no contexto juvenil: um estudo a partir da Abordagem Centrada na Pessoa-ACP. **Seminário Transdisciplinar da Saúde**, n. 05, 2018. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/download/431/432>. Acesso em 23 nov. 2019.
- CARVALHO, Zíngara Tavares de. O papel da escuta rogeriana no processo de prevenção do suicídio. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de

Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019.

Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13903/1/21505358.pdf>. Acesso em 09 mar. 2020

CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, Sérgio Luis da. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos**. Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto, v. 8, 2011. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Edivandro_Conforto/publication/267380020_Roteiro_para_Revisao_Bibliografica_Sistematica_Aplicacao_no_Deenvolvimento_de_Produtos_e_Gerenciamento_de_Projetos/links/585c18ef08aebf17d386967e.pdf. Acesso em 17 ago. 2019.

CORREIA, Karla Carneiro Romero; MOREIRA, Virginia. A experiência vivida por psicoterapeutas e clientes em psicoterapia de grupo na clínica humanista-fenomenológica: uma pesquisa fenomenológica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 531-541, 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000300531&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 ago. 2020.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 1, p. 158-173, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v71n1/12.pdf>. Acesso em 25 jun. 2020.

FERREIRA JUNIOR, Avimar. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 15-28, 2015. Disponível em: <http://www.mundiblue.com/consultoria/wp-content/uploads/2016/09/O-comportamento-suicida-no-Brasil-e-no-mundo.pdf>. Acesso em 21 jun. 2020.

FONSECA, Eminy Francineia Martins; LÔBO, Warllington Luz. Tentativa de suicídio: reflexões em base a clínica centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**, v. 7, n. 2, p. 152-165, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 nov. 2019.

FUKUMITSU, Karina Okajima et al. Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 48-60, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322792019_Posvencao_uma_nova_perspectiva_para_o_suicidio_Postvention_a_new_perspective_for_a_suicide. Acesso em 26 out. 2019.

FUKUMITSU, Karina Okajima. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 270-275, 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300270&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 fev. 2020.

GOMES, Juliana Oliveira et al. Suicídio e internet: análise de resultados em ferramentas de busca. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n.1, p.63-

73, 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 fev. 2020.

GONÇALVES, Ludmilla R. C.; GONÇALVES, Eduardo; OLIVEIRA JUNIOR, Lourival Batista de. Determinantes espaciais e socioeconômicos do suicídio no Brasil: uma abordagem regional. **Nova economia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 281-316, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512011000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 maio 2020.

GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Assistência hospitalar na tentativa de suicídio. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 262-269, Dec. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300262&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 jun. 2020.

MELO, Anna Karynne da Silva; LIMA, Rayanne Pinheiro; MOREIRA, Virginia. Construção da noção de experiência ao longo do pensamento de Carl Rogers. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 7, n. 1, p. 4-31, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 nov. 2019.

Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio: saber, agir e prevenir. **Boletim Epidemiológico**, v. 48, n. 30, Brasil, 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso em 28 ago. 2019.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300445&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 jun. 2020.

Organização Mundial da Saúde. Suicídio no mundo. **Estimativas Globais da Saúde**, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/suicide-in-the-world>. Acesso em 23 ago. 2019.

Organização Mundial da Saúde. Prevenção do Suicídio: um imperativo global. Washington DC, EUA, 2014. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/es/. Acesso em 15 out. 2019.

Organización Mundial de la Salud. Prevención del suicidio: un imperativo global. Washington DC, EUA, 2014. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/136083/9789275318508_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 15 out. 2019.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

PERES, Andrea Lopes et al. Morte silenciada: o suicídio e a representação social. **Revista Ambiente Acadêmico**, v. 2, n. 1, p. 109-124, 2016. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-edicao-3-artigo-7.pdf>. Acesso em 21 jun. 2020.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28. Acesso em 17 ago. 2019.

ROCHA, Márcio Arthoni Souto; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 18, n. 1, p. 69-78, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 maio 2020.

ROGERS, Carl. Sobre o Poder Pessoal. Tradução Wilma Millan Alves Penteadó - 2ª. Ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 1989.

SCHLÖSSER, Adriano; ROSA, Gabriel Fernandes Camargo; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo vital. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 133-145, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751527011.pdf>. Acesso em 21 jun. 2020.

SILVA, Karina de Fátima Aparecida; ALVES, Mariany Aparecida; COUTO, Daniela Paula. Suicídio: Uma escolha existencial frente ao desespero humano. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 184-203, 2016. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pretextos/article/view/13618>. Acesso em 17 ago. 2020.

SOUZA, Viviane dos Santos et al. Tentativas de suicídio e mortalidade por suicídio em um município no interior da Bahia. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 4, p. 294-300, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852011000400010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 16 jun. 2020.

VENTURELA, Patrícia D.'Avila. Prevenção do suicídio: um relato da capacitação dos voluntários do centro de valorização da vida (CVV) no município de Porto Alegre. **Instituto de Psicologia**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37197/000787053.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 7 out. 2019.

VIDAL, Carlos Eduardo Leal; GONTIJO, Eliane Costa Dias Macedo; LIMA, Lúcia Abelha. Tentativas de suicídio: fatores prognósticos e estimativa do excesso de mortalidade. **Cadernos de saúde pública**, v. 29, n. 1, p. 175-187, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 abr. 2020.

World Health Organization. Suicide in the world. **Global Health Estimates**, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/suicide-in-the-world>. Acesso em 23 ago. 2019.

ANEXOS



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Juliane da Silva Braga


CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 01.09.2020


RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **1,07%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet 

Suspeitas confirmadas: **1,03%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados 

Texto analisado: **95,85%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
terça-feira, 1 de setembro de 2020 15:14

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **JULIANE DA SILVA BRAGA**, n. de matrícula **18327**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 1,07%. Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente